



O homem que
vai derreter
o coração das
leitoras!

Há desejos que
têm de ser saciados...

MALÍCIA *e Redenção*

J. KENNER

A nova série da vencedora do prémio
MELHOR ROMANCE ERÓTICO

TOP
SELER

Prólogo

Parecia o plano perfeito. Deixar um tipo entrar na minha cama. Deixar que me tocasse. Deixar que me possuísse.
Porque não?

Afinal de contas, eu estava desesperada. E já sabem o que dizem sobre tempos desesperados.

Além disso, não precisava de me preocupar com a hipótese de me poder apaixonar por um dos meus clientes. Não sou uma dessas meninas pudicas que se perdem de amores perante uma palavra simpática ou um toque suave.

Não sou uma mulher que se apaixone de todo. Nem por um homem. Nem por ninguém.

Já me tomaram por parva demasiadas vezes. E se é para me tomarem novamente, mais vale que retire daí algum proveito.

Pelo menos, foi isso que pensei.

Depois ele abriu a porta, com o seu belo rosto e os seus olhos ensombrados. Olhos que sugeriam segredos no mínimo tão dolorosos quanto os meus.

Ele tocou-me — e apesar de todas as minhas defesas, caí.

E agora...

Bem, agora posso apenas esperar que, quando chegar ao chão, não me estilhace num milhão de pedaços. E que talvez — só talvez — ele esteja lá para me agarrar.

Capítulo 1

O sol que se punha lançava um brilho quente sobre Hollywood Hills, enquanto empregadas quase nuas deslizavam pela multidão com uma variedade de *shots* em tubos de ensaio digna de um arco-íris. Ou, para os convidados mais tradicionais, copos altos de vodka e *bourbon* de primeira qualidade.

As bebidas fluíam, os convidados riam e conversavam, o mais recente sucesso musical de Los Angeles ribombava nas colunas, e os jornalistas de entretenimento tiravam fotografias e faziam vídeos que partilhavam nas redes sociais.

Por outras palavras, a luxuosa festa no Reach, o novo *rooftop* mais badalado em Hollywood, era um evento publicitário perfeito.

O objetivo, claro, era anunciar oficialmente que Lyle Tarpin, uma das estrelas de Hollywood em mais rápida ascensão, se juntara ao elenco de *M. Sterious*, o próximo filme da loucamente popular *franchise* cinematográfica Blue Zenith.

O guião era bom, a ação emocionante, e Lyle ainda não conseguia acreditar que tinha sido selecionado, ainda por cima para representar o epónimo M, um anti-herói emocionalmente ferido.

Era um papel que o podia catapultar de ator de primeira para supersónico, transformando-o numa megaestrela de Hollywood

com a sua escolha de papéis interessantes e o tipo de contratos multimilionários que não tinham sido mais do que a centelha de um sonho quando começara a sua carreira.

Por outras palavras, tratava-se de uma oportunidade que não tinha qualquer intenção de estragar.

Razão pela qual se obrigara a não estremecer e afastar-se quando Frannie o viu e lhe dirigiu um sorriso. Ela meneou a cabeça, fazendo saltar os caracóis acobreados, ao mesmo tempo que avançava na direção dele, com um vestido de cocktail coberto de lantejoulas revelando as longas pernas tonificadas, que terminavam num par de sandálias de tiras, exibindo uma pedicura perfeita.

Uma das estrelas mais rentáveis de Hollywood, Francesca Muratti iria representar o interesse amoroso de Lyle — a agente da Blue Zenith que afasta M dos seus caminhos sombrios e o recruta para o lado da justiça —, salvando-o e, com alguma sorte, acrescentando ao *franchise* mais um herói fixo.

— Olá, querido — disse ela, deslizando os braços em redor do pescoço de Lyle e pressionando o seu corpo contra o dele.

Frannie tinha a reputação de ser uma miúda selvagem que fazia questão de dormir com quase todos os seus coprotagonistas, e não fazia segredo de que queria que Lyle se juntasse a essa pequena fraternidade.

Sinceramente, Lyle não sabia se ela era insegura, excessivamente excitada, ou se apenas gostava de tornar realidade o que iria representar. Tudo o que sabia era que não estava interessado. O que, tendo em conta os danos que uma Francesca lixada podia fazer à sua carreira, era inconveniente a todos os níveis.

— Beija-me como se o desejassem verdadeiramente — murmurou ela, e depois inclinou-se para ele, preparando-se para tornar realidade a sua exigência, mas Lyle afastou-se, pegando

no queixo dela e segurando-o com firmeza, ao mesmo tempo que os olhos dela faiscavam de irritação.

— Antecipação, Frannie. — Lyle curvou-se na direção dela, de tal modo que ela estremeceu com a respiração dele no seu ouvido. — Se lhes dermos o que eles querem agora, porque haveriam de ir ver o filme?

— Que se fodam os fãs — sussurrou Frannie, deslizando a mão para o agarrar entrepernas. — É isto que quero.

E, maldito fosse, sentiu-se a começar a ficar duro. Não de desejo por ela, mas em resposta a uma necessidade familiar, mais básica. Um quarto escuro. Uma mulher predisposta. Só uma vez — com força e calor suficientes para ficar esgotado. Para acalmar a culpa e a dor. Para silenciar os fantasmas do passado, o horror dos seus erros.

O suficiente para se aguentar até à próxima vez. À próxima mulher.

E, quem sabe, se tivesse sorte, para partir um pouco do muro que erguera em redor do seu coração.

Os seus pensamentos agitavam-se loucamente, e Lyle imaginou a pele macia de uma mulher por baixo dos seus dedos. Uma mulher que não olhasse para ele com os olhos de Jennifer. Que não lhe recordasse aquilo de que fugira ou aquilo que fizera. Uma mulher que se lhe entregasse. Que não quisesse saber dos seus defeitos quando ele se deixasse ir, tesos e quente e desesperado, para a bênção selvagem e escura do anonimato.

— Hum, não sei, Lyle — murmurou Frannie, a mão a pressionar com firmeza aquela sua ereção, dura como pedra. — Eis as provas que sugerem que a nossa química no ecrã é real. Dá-me uma oportunidade e aposto que poderemos erguer esse mastro a sério.

— Gosto bastante de ti, Frannie — disse ele, dando um passo atrás e praguejando contra si mesmo por ter cedido à fantasia. — Mas não vou dormir contigo.

Pelo brilho no olhar dela, Lyle teve a certeza de que o seu famoso temperamento estava prestes a explodir, mas um editor que reconheceu como sendo da *Variety* aproximou-se, e Frannie alterou o seu comportamento para encantador.

Lyle deixou-se ficar o tempo suficiente para cumprimentar o tipo e responder a algumas perguntas acerca do papel, e depois escapuliu-se quando a conversa incidiu sobre o novo contrato publicitário de Frannie.

Agarrou num copo de *bourbon* de uma empregada que passava por ele e foi bebendo, enquanto avançava até à beira do terraço. Não gostava de alturas, razão pela qual as procurava. Raios, era por isso que o seu apartamento ficava no trigésimo andar de um arranha-céus de Century City, e era por isso que passara inúmeras horas a tirar o *brevet* de piloto. Quando algo o incomodava, conquistava-o; não lhe sucumbia.

E isso explicava, em parte, o porquê de aquela treta com a Frannie o irritar tanto.

— Nunca pensei que fosses do tipo parvo.

Lyle reconheceu a voz rouca, feminina, e voltou-se para olhar para a sua agente, Evelyn Dodge. Uma mulher atraente de 50 e poucos anos, Evelyn fazia parte da indústria há séculos, conhecia todos aqueles que valia a pena conhecer, e era dura como tudo. Também não aceitava tretas de ninguém.

Lyle estudou o rosto dela, tentando perceber o que estaria a pensar. Sem sorte. A sua agente era impossível de ler. Algo muito bom quando se tratava de negociar contratos. Não tanto quando ele estava a tentar avaliar uma reação.

— Aquela miúda tem mais poder do que julgas — continuou ela, quando Lyle permaneceu em silêncio. — Queres seguir pela via rápida e suja até à Cidade da Carreira-na-Retrete? Porque esse caminho passa diretamente pela tua bela coprotagonista. Se irritares a Frannie, quando deres por isso o Garreth Todd estará a desempenhar o papel de M e tu terás sorte se

conseguires um papel como figurante num anúncio de um *stand* de usados da TV local.

— Obrigado por me dizeres as coisas com tanta frontalidade — disse ele, secamente.

— Achas que estou a exagerar? Pensei que sabias distinguir o teu traseiro de um buraco na parede. Ou estive errada este tempo todo?

— Credo, Evelyn. Não sou ingénuo. Mas não vou dormir com a Frannie só para tornar as coisas agradáveis no *set*. Estás, sinceramente, a dizer que devia?

— Nem penses, Iowa — disse ela, usando como alcunha o estado de onde Lyle era originário. — Estou a dizer-te que precisas de ser esperto. Enquanto fores solteiro, ela não vai esquecer o assunto. — Evelyn suspirou. — Trabalhaste muito para chegares onde chegaste, e estás a voar bem alto. Mas deixa que te recorde, caso aches que isso te torna invencível: quanto mais alto voares, mais doloroso será quando caíres de novo na terra.

— Não vou estragar nada, Evelyn.

— Não conheces a Frannie como eu conheço. Ela já destruiu carreiras melhor estabelecidas do que a tua; e isso foi antes de ter uma pesada estatueta de ouro por cima da lareira.

Foda-se. Lyle deslizou os dedos através do cabelo.

— Há quanto tempo trabalhamos juntos? — perguntou ela, claramente sem esperar uma resposta. — Dois, três anos? E nunca, durante todo esse tempo, te vi sair com alguém. Algumas mulheres penduradas no teu braço numa festa, mas andas sozinho mais vezes do que aquelas em que apareces com uma mulher.

— Que raio, Evelyn? — Lyle sabia que soava defensivo, mas ela estava perigosamente perto de tocar em questões que não queria abordar, em espreitar para recantos escuros que era melhor deixar nas sombras.

— Disseste-me uma vez que não eras gay, e isso é ótimo. Milhares de adolescentes por todo o país dormem melhor sabendo que estás disponível.

— Estás a tentar chegar a algum lado? — Lyle tentou, sem sucesso, manter a irritação longe da sua voz.

Evelyn olhou de relance para o rosto dele.

— Estou apenas a dizer que se tens uma namorada escondida num sótão qualquer, esta é a melhor altura para a ires buscar e lhe limpares o pó. Porque a nossa amiga Frannie é como um cão com um osso. Um cão muito mimado e bem cuidado, mas com uma dentada terrível quando não consegue levar a sua avante. Porém, ela não se mete com homens casados.

— E então? É suposto correr até Vegas e fazer de uma corista a minha noiva?

— Sê inteligente, mais nada. Se tiveres uma namorada escondida, leva-a a uma ou duas festas. E se não tiveres, arranja uma.

— Isso são tretas — disse ele, baixinho. — Mas tomá-lo-ei em consideração.

— Ótimo. Agora vamos conviver.

Com um suspiro, Lyle olhou à sua volta. Para o álcool que fluía livremente e para a torrente interminável de acepipes oferecidos por empregadas cujas roupas eram um bocadinho escassas demais para serem decentes, mas que cobriam o suficiente para não serem obscenas. Para os guardanapos e copos com o logótipo da série, e para a banda, no canto, que tocava sem parar inúmeras músicas do *franchise*, enquanto, do lado oposto do *rooftop*, passavam cliques dos filmes anteriores num ecrã gigante, em *loop* contínuo.

Era opulento, ridículo e absolutamente exagerado.

A Jennifer teria adorado.

Ela teria chegado a Hollywood e tê-lo-ia conquistado, fazendo Francesca Muratti parecer uma amadora.

Dá tudo por tudo. Não fora isso que ela sempre lhe dissera? A Jennifer? Com os seus olhos inocentes e a sua boca não tão inocente?

Mas ela nunca chegara a ter essa oportunidade.

E agora ali estava ele, exatamente 13 anos depois dessa maldita noite diabólica. E Jenny estava morta, e ele estava sob as luzes da ribalta, envergando um fato Armani e vivendo o sonho dela.

Quão lixado era isso?

— Perdi-te agures — disse Evelyn. — Vamos até ao bar. Acho que estás a precisar de outra bebida.

Isso era bem verdade, mas abanou a cabeça.

— Estava só a pensar. — Fez um gesto com a mão, abarcando toda a área, incluindo a cidade para lá do terraço. — Esta é mesmo a cidade onde os sonhos se tornam realidade.

Mas só uns quantos infelizes — como Lyle — sabiam quantos pesadelos se escondiam dentro desses sonhos luminosos e cintilantes.

Forçou-se a sorrir, por Evelyn.

— Já passa das 19 horas. Estou aqui há quase duas. Fui efusivo e encantador e um jogador de equipa. Fiz tudo o que me pediram. Oficialmente, pelo menos — acrescentou, pensando nos avanços de Frannie. — Já merecia um biscoito, não achas?

Evelyn cruzou os braços, mudando o peso de uma perna para a outra enquanto olhava para ele.

— Depende do tipo de biscoito que procuras.

— Vou-me embora...

— Raios, Lyle.

— Alguma vez te causei problemas? Tens de intervir em meu nome? Não faço jus à minha maldita reputação de menino de ouro?

Evelyn não disse nada.

— Arranja uma desculpa. Qualquer coisa. Não quero saber. — Por um momento fugaz, deixou cair a sua máscara. O inocente

rapaz do Iowa que fora descoberto aos 17 anos, arrancado da obscuridade para cavalgar até à fama graças ao seu bom aspeto *midwestern* e aos penetrantes olhos azuis. Tinha-se lançado ao trabalho, lutando por progredir pela televisão e pelos filmes *indie*, até chegar onde estava agora. Um tipo genuinamente bom, que não fora manchado pelas tretas de Hollywood.

Só que também isso fazia parte de um papel que desempenhava. E, por um momento fugaz, deixou que Evelyn visse a dor subjacente. A perda. A escuridão. E toda aquela maldita culpa.

Depois era de novo a estrela de cinema, e ela fitava-o, as sobrancelhas unidas numa preocupação quase maternal.

— Por favor — acrescentou Lyle, a voz baixa e um pouco rouca. — Não é um bom dia. Preciso...

De quê? De uma bebida? De uma foda? De poderes mágicos que pudessem alterar o passado?

— ... de me ir embora. Preciso simplesmente de me ir embora.

— Queres companhia?

Podes crer.

Lyle abanou a cabeça.

— Não. Estou bem. Mas obrigado.

No entanto, queria companhia. Só não queria o tipo de companhia que Evelyn estava a oferecer. Queria um tipo de companhia que fosse cru. Que fosse sujo e rápido e anónimo. Com absoluta discrição. E sem qualquer compromisso.

Queria? Não, não queria. Não de verdade.

Mas que precisava disso era uma certeza.

Precisava de abrir a válvula e libertar a pressão. De apagar a culpa, nem que fosse apenas durante alguns minutos gloriosos. Escapar aos fantasmas e às memórias e a toda a merda que tentava com tanto afincio manter enterrada. Que nunca deixava que ninguém visse.

Era disso que precisava porque, sem esse escape, a sua máscara começaria realmente a estalar, e todo o mundo descobriria que o apumado Lyle Tarpin não passava de uma maldita fraude.

Capítulo 2

— **P**odias fazer mais um turno — diz-me a minha melhor amiga, Joy, erguendo os olhos do meu caderno de lombada em espiral repleto de colunas com números desagradáveis e pouco cooperantes. — Quer dizer, seria uma porcaria, mas se precisas do dinheiro, então precisas do dinheiro.

E eu *preciso* do dinheiro. A triste realidade está exposta ali mesmo no meu caderno, em litros de vermelho glorioso e uns poucos rabiscos pretos. Mas a menos que abdique de dormir, acabaram-se-me as horas do dia.

— Estás aqui agora — responde, quando lhe digo isso.

Deito-lhe a língua de fora. Não é a resposta com mais classe do planeta, mas resume bem os meus sentimentos.

Aqui é o Totally Tattoo, o salão de tatuagem e *piercing* de Venice Beach onde a Joy trabalha, como aplicadora de *piercings* residente. Ou a Rainha da Agulha. Ou qualquer outro título a que, por acaso, se tenha agarrado nesse dia. Conhecemo-nos quando eu entrei na loja há quase cinco anos, sentindo-me perdida e sozinha e desesperada por uma mudança. Por alguma razão, metera na cabeça que, se conseguisse mudar o meu aspeto, então tudo ficaria melhor. Eu renasceria, todas as coisas más desapareceriam.

E só precisava de um *piercing* brilhante na curva da orelha. Infelizmente, essa teoria nunca chegou a ser posta à prova, principalmente porque desmaiei quando a Joy se aproximou de mim com a agulha.

E assim, em vez de uma peça de arte no corpo, arranjei uma melhor amiga.

Contas feitas, acho que foi um bom negócio. Embora ela me continue a gozar por ter desmaiado.

Agora estou empoleirada no banco atrás do balcão da recepção e a Joy está de pé do outro lado, com os dedos a matraquear nos meus números ignobilmente pequenos. Ainda falta uma hora até ao fecho, mas o espaço está vazio. Por isso estamos a utilizar o balcão como ponto zero para a recapitulação das minhas preocupações financeiras.

— Sabes que eu estava só a brincar — diz ela. — Mas sinceramente, Laine, não tenho nenhuma ideia melhor. A menos que queiras roubar um banco. Ou, tu sabes, ganhar a lotaria ou algo assim.

Bato com a mão na frente.

— És brilhante — digo, fechando o caderno com estrondo. — Problema resolvido.

A Joy revira os olhos e abana a cabeça, fazendo cintilar as pedras coloridas que contornam a curva da sua orelha esquerda.

Inclino-me para a frente e apoio o queixo no punho.

— Sinceramente, tens razão. Devia arranjar maneira de fazer mais algumas horas. Mas simplesmente não sei como. Já estou a fazer turnos no Blacklist e no Maudie's — digo, referindo o nosso bar preferido, bem como um pequeno restaurante local. — Além disso, a Sra. Donahue deixa-me ir uma vez por semana limpar a fundo algumas secções da sua casa. E o Jacob paga-me para passear o *Lancelot* quase todas as manhãs.

A minha vizinha, a Sra. Donahue, é perfeitamente capaz de limpar a própria casa, embora tenha acabado de celebrar o seu

octogésimo primeiro aniversário. Mas é uma querida que recolhe animais e pessoas perdidas, e ofereceu-me o trabalho nas limpezas mal tomou conhecimento dos meus problemas financeiros. Jacob, um aluno da UCLA que vive num apartamento por cima da garagem da Sra. Donahue, não é tão querido, mas não vou recusar o dinheiro extra.

— O Jacob só te quer saltar para as cuecas.

Faço uma careta.

— O que foi? Qual é o problema com o Jacob? Além de não parar de me perguntar se tenho sabor a rebuçado desde que descobriu o meu nome?

— Como se nunca tivesses ouvido essa antes. — ri-se a Joy.

Chamo-me Sugar Laine. O que, no que a nomes diz respeito, é mais ou menos tão mau quanto possível. Junte-se a isso o cabelo louro, os enormes olhos castanhos, e umas mamas que considero lamentavelmente grandes, e provavelmente já devia ter deitado tudo para trás das costas há vários anos e optado por ser *stripper* ou prostituta.

Por outro lado, talvez tenha tido sorte. Quer dizer, o meu apelido podia ter sido Buns¹.

Eu sou assim. Estou sempre a ver o lado positivo das coisas.

Apesar de me terem atribuído um nome absolutamente ridículo, tenho a certeza de que os meus pais me amavam. Ou, pelo menos, tenho a certeza de que a minha mãe me amava. E ela sempre jurou que o meu pai também, e que a sua súbita e inesperada partida, quando eu tinha 9 anos, nada tivera a ver com aquilo que sentia por mim ou pelo meu irmãozinho, Andy, que tivera a sorte de receber um nome absolutamente normal.

Talvez a minha mãe tivesse razão. Mas eu continuo a agir de acordo com a suposição de que o meu pai é um idiota sem alma e sem encanto, que não sente nada por ninguém.

¹ Em inglês, «Buns» é calão para «nádegas». [N. da E.]

Acho que, se estiver errada, ele bem pode sair do buraco onde se enfiou, localizar-me, e depois dar o litro para o provar.

A minha mãe, por outro lado...

Bem, apesar da sua infeliz escolha de nomes, amava-me. E quando lhe perguntei, certa vez — depois de ter sido ridicularizada na quarta classe —, em que raio poderia ela ter estado a pensar, respondeu-me que, quando a enfermeira me deitou nos seus braços, ela achou que eu era a coisa mais doce que alguma vez tinha visto. E o que era mais doce que o açúcar?

Como é que eu me podia sentir mal em relação a algo assim? Não podia. Por isso não senti.

Mas comecei a pedir que me tratassem por Laine.

Um aperto desconfortável agarra-me o peito, quando penso na minha mãe. Como nos sentávamos no sofá com o Andy entre nós para ler ou ver televisão. Como me deixava fazer biscoitos de Natal em julho porque o Natal é quando uma pessoa quiser. Como costumava ouvir música *country* clássica e chorar, porque dizia que lhe limpava a alma e voltava a encher o poço.

Oh, meu Deus. Tento inspirar fundo, e apercebo-me de que a minha garganta está entupida pelas lágrimas.

— Então? — A Joy contornou o balcão, por isso, neste momento, está basicamente de nariz colado ao meu. Pega na minha mão e aperta-a, a pressão trazendo-me de volta a mim mesma. — Então, estás bem?

— Desculpa. Desculpa. É que... comecei a pensar no meu nome, e isso fez-me pensar na minha mãe e no Andy e...

Calo-me, as lágrimas ameaçando correr.

— Está tudo bem. Vá lá, rapariga. Inspira fundo.

Fungo e consigo oferecer-lhe um sorriso hesitante.

— Não sei o que provocou isto — digo, quando consigo voltar a falar. Deslizo a ponta dos indicadores por baixo dos olhos, secando as lágrimas. — Pensar neles não é uma ocorrência inusitada. Raios, penso neles cada vez que passo pela porta da frente.

A minha respiração torna-se difícil e as lágrimas voltam a encher os meus olhos.

— Raios — murmuro, ao agarrar num lenço de papel. — É a casa. Não consigo lidar com a perspectiva de perder a casa. É tudo o que me resta deles.

A minha mãe e o meu irmão de 13 anos foram mortos quando um condutor embriagado enfiou o *SUV* que conduzia contra o carro deles, há cinco anos. Eu estava a terminar o meu primeiro semestre na UCLA. E eles iam buscar-me para podermos celebrar, viajando de carro até Anaheim e visitando a Disneyland.

Morreram os dois no local. O agente da polícia que me contactou no dormitório disse-me que tinha sido rápido. Que eles não tinham sofrido. Não sei se isso será verdade ou não, mas acredito porque tenho de acreditar.

A minha mãe tinha labutado toda a sua vida, servindo às mesas, aceitando trabalhos temporários, trabalhando como caixa em mercearias. O seu único bem era a casa, que o meu pai pagou antes de desaparecer. Mas não tinha sido bem mantida, e no final da sua vida a minha mãe tinha uma montanha de dívidas, uma casa a necessitar desesperadamente de reparações, e uma conta vazia no banco.

O que significa que eu herdei a casa e pouco mais do que isso. Mas se não conseguir arranjar 31 mil dólares e uns trocos nas próximas duas semanas, para pagar um empréstimo de curto prazo, o banco vai acionar a hipoteca e vou perder a última ligação à minha família.

E não faço a mais pálida ideia de como hei de conseguir tanto dinheiro.

— Estou tão lixada — sussurro à Joy, sentindo-me frágil e perdida e sozinha. Tenho apenas 23 anos. Devia ter terminado a faculdade em vez de desistir para poder trabalhar de modo a comprar comida e pagar impostos e arranjar a casa. Raios, devia estar a candidatar-me a mestrados.

Devia estar a levar a minha roupa suja para casa e a implorar à minha mãe que a lavasse por mim enquanto chateava o meu irmãozinho. Devia sair com os meus amigos à noite, em vez de estar a servir as bebidas.

Não devia ter o peso do mundo nos meus ombros.

Mas tenho. E já o aceitei. Estou a lidar bem com isso... estou. Mas se aumentarem um pouco mais a pressão, juro que me vou estilhaçar num milhão de pedaços.

— Não posso perder a casa. — A minha voz falha, e odeio o facto de a minha fraqueza estar tão visível, ainda que seja perante a minha melhor amiga. — Não posso. Mas eles vão ficar com ela na mesma.

— O tanas é que vão. — Ela bate no meu caderno com um gesto autoritário. Só tem mais três anos do que eu, mas a Joy é do tipo maternal. Originalmente, tinha pensado que era do tipo mandão, mas ela garantiu-me que eu estava errada. — Deixa esta treta deprimente e anda comigo.

— Para onde?

— Precisas de uma bebida.

— Não posso pagar uma bebida.

— Ah, ah! Pago eu. Vamos, anda.

— Joy... é suposto estares a trabalhar.

— E depois? Tu precisas de mim.

Ouçõ a porta das traseiras a abrir suavemente e apercebo-me de que a Cass — a dona do salão e uma das melhores artistas de tatuagem que alguma vez conheci — deve estar de volta.

— Não tenho mais marcações — continua a Joy. — Os meus instrumentos estão todos esterilizados. A zona de trabalho está limpa. E a minha patroa — acrescenta num tom de voz muito mais alto — não é nenhuma cabra enfurecida.

— Eu ouvi isso! — disse a Cass. — E estás enganada. Sou uma cabra frígida, e tu sabes bem disso.

A Joy riu-se, e depois disse à Cass:

— Apareceu aqui um cliente há alguns minutos. Disse-lhe que tinhas saído, mas que regressarias amanhã por volta das 10 horas. E posso ficar se precisares mesmo, mesmo de mim, mas a pobre Laine está a ter um dia lixado e precisa mesmo de uma bebida.

— Joy! Não te atrevas a culpar-me por terminares o dia mais cedo.

— É sexta-feira — diz a Joy. — Usarei todas as desculpas que conseguir encontrar.

— Cuidado, ou *irei* transformar-me numa cabra enfurecida. — A Cass contorna a esquina dirigindo-se para nós. Traz vestidas umas calças de cabedal pretas e uma t-shirt de alças prateada que revela a plumagem da impressionante tatuagem de um pássaro que começa na omoplata e desce ao longo do braço. Hoje o cabelo dela está preto carvão com pontas vermelhas, de tal modo que quase parece estar a arder. O nariz está decorado com um minúsculo *piercing* de diamante — cortesia da minha melhor amiga, Joy.

Ela é espantosamente bela e sempre chocante, e uma das minhas pessoas preferidas. Agora, dirige-me um sorriso largo.

— Olá, Laine, como estás?

— Estou bem — digo, mentindo.

— Falida — diz a Joy.

Suspiro.

— Um livro aberto — digo à Cass, ao mesmo tempo que fito a Joy, furiosa. — Aparentemente, sou um livro aberto.

A Joy ergue as mãos.

— Então, não posso mentir à minha patroa. Que, já agora, está espantosa. Foste a casa mudar de roupa. Tens grandes planos para esta noite?

— Eu e a Siobhan vamos jantar com uns tipos do trabalho dela — diz a Cass, referindo-se à namorada. — Amanhã é o dia de abertura da sua primeira grande exposição desde que

começou a trabalhar no Centro Stark. Por isso está nervosa. E eu fui escolhida para lhe segurar a mão.

— Eu também — diz a Joy, dirigindo-me um olhar carregado de significado.

— Eu não estou nervosa — digo-lhe. — Estou-me a passar. Há uma diferença.

— Estás assim tão mal? — A expressão da Cass é marcada por preocupação verdadeira, e arrependo-me de imediato por ter dito alguma coisa. Odeio a ideia de que todo o mundo tome conhecimento da dimensão e profundidade dos meus problemas.

— Está tudo bem — minto. — A sério. Estou só um pouco apertada neste momento, e à procura de mais um emprego para juntar aos que tenho.

— Hum. Bem, neste momento não me posso dar ao luxo de contratar alguém a tempo inteiro, mas posso contratar-te durante algumas semanas. Para atender telefones. Limpar. Ajudar-me a organizar toda a papelada.

— Podias? Isso seria...

— Muito bom — interrompe a Joy. — Mas provavelmente desnecessário.

Olho para ela de boca aberta.

— Hum, sim. Necessário.

— És espantosa, Cass — diz ela, ignorando-me por completo. — Mas deixemos a proposta no ar. Acabei de pensar numa coisa que é perfeita para a Laine. E além disso paga bem.

— Ah, sim? — A Cass olha para nós as duas. — Bem, se não resultar, a oferta mantém-se.

— O quê? — pergunto. — Que coisa perfeita é essa?

— Vamos tomar aquela bebida, e depois conto-te. — A Joy dirige os seus olhos de cachorrinho à Cass. — Só esta vez. A Laine precisa de mim.

A Cass abana a cabeça num desespero fingido.

— Vai. Eu fecho tudo. Mas amanhã abres tu.

— Combinado. Vamos ao Blacklist — acrescenta a Joy, virando de novo a sua atenção para mim. Pisca-me o olho. — Já que trabalhas lá, pode ser que nos deem as bebidas de graça.

Faço uma careta.

— Preferia que o David me deixasse fazer mais um turno.

Como a minha casa, o Totally Tattoo está localizado numa zona privilegiada. A rua corre perpendicularmente à praia, a apenas alguns quarteirões do passadiço. Mal saímos a porta, viramos à direita e afastamo-nos do Pacífico. O sol está baixo sobre o oceano atrás de nós, e as nossas sombras estendem-se pelo passeio, como se corressem à nossa frente para o bar.

O Blacklist fica a poucas portas de distância, com paredes exteriores de vidro e madeira, que se abrem como um acordeão, para que os clientes se possam sentar nas mesas que se encontram tanto no bar quanto no passeio. É um ícone de Venice Beach que já existe desde os anos 30, embora seja agora considerado mais fino do que o antro que costumava ser.

Um casal acaba de sair, e quando ocupamos a mesa deles, a Joy acena para a Nessie, que se apressa até nós com dois copos de água.

— Olá, Joy. Olá, Laine. Não vais trabalhar hoje?

Abano a cabeça.

— O David disse que estava tudo cheio. — Faço uma careta.
— É pena. Dava-me jeito o guito.

— Percebo o que dizes. Eu estou a *morrer* por um louco par de *Christian Louboutins* que vi a semana passada. E com as gorjetas e a mesada que o meu pai me manda, vou ter o suficiente para os comprar. Quer dizer, eu morria se tivesse de esperar mais uma semana.

— Sei precisamente o que sentes — digo eu, enquanto a Joy fita o tampo da mesa, claramente tentando não se rir.

Peço uma garrafa de vinho para ambas, e quando a Nessie se afasta, a Joy ergue finalmente os olhos.

— Temos de adorar a sua ignorância.

Encolho os ombros.

— Perder a casa, sapatos caros. É tudo uma questão de perspectiva.

E, sim, tempos há em que gostaria que *a minha* perspectiva incluísse um pai que me comprasse um descapotável, me instalasse num condomínio junto à praia, e me enviasse dinheiro todas as semanas. Mas as coisas são como são, e aprendi há muito que a única coisa que importa é fazer. Cá para mim, os desejos foram feitos para velas de aniversário. E pouco mais do que isso.

— O que é que me queres contar? — pergunto. — Que esquema perfeito estás tu a congeminar para impedir que o banco me arranque a casa das mãos?

— Espera pelo vinho. — A testa enrugase, como se estivesse a pensar. — A bem da verdade, vamos esperar até estares no teu segundo copo de vinho.

Recosto-me e cruzo os braços.

— Não é uma daquelas coisas de *marketing* multinível, pois não? Porque se for, *não*.

— Oh, por favor. Conheces-me melhor do que isso. Não, é algo sólido... e lucrativo. Mas precisas de ter uma mente aberta.

Acrescento aos meus braços cruzados um olhar semicerrado e fixo.

— É legal?

— Sim, claro. Tecnicamente, é completamente legal.

— Tecnicamente? O que é que isso quer dizer?

A Joy é salva da necessidade de responder pelo regresso da Nessie com dois copos de *Cabernet*.

— O David diz que estes são por conta da casa. É uma garrafa que recebeu de um novo distribuidor. Diz-lhe se é bom ou não e ele considerá-lo-á como forma de pagamento.

— O que é que eu te disse? — exclama a Joy, tocando os nossos copos num brinde, pese embora o meu ainda esteja

pousado na mesa. — Aos nossos bons amigos e a bebidas gratuitas.

— Ele também disse que a Carla não pode vir amanhã. Se lhe pedires, talvez ele te deixe...

— Estou a ir. — Levanto-me do meu lugar mesmo antes de ela chegar ao final da frase, e aceno a alguns clientes habituais, ao mesmo tempo que me apresso em direção às traseiras.

O interior do bar está apinhado com uma eclética mistura de motards, polícias, moradores, e homens de negócios de fato e gravata. Venice Beach é bastante colorida, e o Blacklist espelha bastante bem a nossa comunidade.

O David não está atrás do balcão, como costuma estar à sexta-feira à noite, mas o Jerry, o barman, diz-me que ele foi ao escritório atender uma chamada. Não o quero interromper, mas também não quero perder esta oportunidade, por isso empurro as portas oscilantes que dão acesso à cozinha, parando em seguida junto à porta do atulhado gabinete do David.

Ele ergue os olhos, vê-me, e aponta para a cadeira dobrável metálica e preta, que se encontra em frente à sua gasta secretária de madeira.

Deixo-me cair sobre ela, e embora não queira ouvir, não consigo deixar de prestar atenção quando ele começa a falar de canalização e madeira apodrecida. Esses são os dois principais culpados do meu atual fiasco com o empréstimo. Há cerca de quatro anos, não muito depois de ter conhecido a Joy, tive de fazer algumas obras urgentes na minha casa ou arriscaria que a câmara a designasse imprópria para habitar. Agora tenho de saldar o empréstimo que contraí para pagar as obras... ou arrisco-me a que o banco fique com a casa.

— Más notícias? — pergunto quando o David desliga. Ele é um antigo polícia que parece acabado de sair de uma agência de talentos. Um homem corpulento e maciço, de cabeça rapada e olhos gentis que contrastam com a sua atitude implacável.

— A porcaria da casa de banho está uma merda, e não estou a tentar fazer uma piada. — Ele abana a cabeça. — Adoro este espaço, mas está seguro pelas pontas com cuspo, pensos rápidos e pastilha elástica.

Ele recosta-se na cadeira, e depois pousa os pés em cima da secretária.

— Mas não vieste até aqui para me ouvires queixar. Calculo que a Nessie te tenha dito da Carla?

— Tinha a esperança de poder fazer o turno dela. Preciso dele. Os pensos rápidos e a pastilha elástica que mantêm a minha casa de pé são caros.

— Lamento muito por isso, Lainey. Malditos bancos. E sim. Ela só vinha trabalhar das 22 às 2 horas, mas se quiseres, podes vir tu.

Levanto-me, aliviada.

— És mesmo o maior.

Ele abana a cabeça.

— Sábado à noite, e eu com menos uma empregada? Acredita em mim, estás a fazer-me um favor.

— Seja como for, devo-te uma. — Quase o abraço (o David age de forma abrupta, mas não passa de um ursinho), mas luto contra o impulso. Em vez disso, digo *obrigada* cerca de meia dúzia de vezes, e regresso para junto da Joy quase aos saltinhos.

— Ele disse que sim — calcula ela.

— Quatro horas num sábado à noite. É a melhor altura para as gorjetas. Não é o suficiente, mas já é alguma coisa.

— Não é o suficiente? Não fica sequer perto.

— Muito obrigada por me lembrares disso. — Franzo-lhe o sobrolho. — Sabes, se não me vais deixar viver na ilusão, pelo menos diz-me qual é a tua ideia. Foi para isso que me arrastaste até aqui, certo?

Os olhos dela descem para o meu copo de vinho, e eu suspiro, e depois bebo o resto em dois grandes goles.

— Já está — digo. — E não quero um segundo copo, por isso diz-me já.

Ela hesita, mas depois fala.

— OK, lembras-te do tipo dos pés?

— Aquele encontro às cegas a que foste há algumas semanas? O que a tua prima te arranjou?

— Certo. — Ela inclina-se para a frente, baixando a voz.

— Bem, não foi propriamente um encontro às cegas.

— Então o que foi?

— Na verdade foram mil dólares bem fáceis de ganhar.

— Muito bem, vais ter de me explicar outra vez, porque decerto não estás a falar do que eu acho que estás a falar.

Só que talvez esteja. Porque, neste momento, ela parece mais do que um pouco envergonhada, e a Joy não é o tipo de rapariga que se sinta constrangida com, bem, o que quer que seja.

Volto atrás e recupero mentalmente o controlo.

— Estás a dizer que recebeste mil dólares para que ele pudesse fazer... *coisas* aos teus pés?

— Basicamente.

— Como... quer dizer, bem, não tenho a certeza do que quero dizer. — Volto a tentar. — Como é que o conhecestes?

— A minha prima. Já te disse.

— Ela sabia, quando vos apresentou, que...

A Joy pousa a mão sobre a minha.

— Tu, minha amiga, és demasiado inocente. A Marjorie trouxe de tudo, tal como eu disse. — Ela inclina-se mais para a frente, depois sussurra. — Ela tem um serviço de acompanhantes.

Fito-a de boca aberta.

— A sério?

A Joy acena.

— Mas guarda isso para ti, está bem? É um serviço de luxo e muito discreto.

— Sim. Claro. Mas o que é que eu tenho a ver com isso?

E foi então que eu percebi. Sinceramente, nem acredito que demorou tanto tempo. Culpo o vinho. E o facto de nunca, nem num milhão de anos, ter pensado que a minha melhor amiga pudesse estar a tentar vender-me através de um serviço de acompanhantes.

— Estás louca? — digo subitamente.

— Oh, vá lá. É só sexo.

Só sexo.

Será que isso existe? Esta é, obviamente, uma pergunta retórica.

Porque não, isso não existe. Há sempre complicações. Há sempre consequências.

Na minha primeira vez, o sexo foi como uma arma, e embora tivesse sido eu a empunhá-la, também fui eu quem saí magoada. E as cicatrizes foram profundas o suficiente para que eu tivesse evitado uma repetição do desempenho durante os últimos quase cinco anos.

Não que tenha sido uma florzinha pura durante esse tempo. Tive alguns encontros. Fiz as minhas brincadeiras. Houve dedos e línguas e alguns orgasmos bastante agradáveis. Mas estabeleci uma fronteira depois daquela primeira e horrível noite, e não permiti que alguém a atravessasse desde então.

Talvez isso seja tolo, mas é importante para mim.

Por isso não.

Sexo não é *apenas sexo*. É uma coisa importante, e é confuso, e é caótico, e é complicado.

E não posso.

— Sim, podes — afirma a Joy num tom firme, quando lhe digo isso mesmo. — Tu nem sequer estás a sair com ninguém.

— *Essa* é a tua principal consideração?

A Joy revira os olhos.

— Na verdade, a minha principal consideração são os 10 mil que estás prestes a deixar passar.

Paraliso.

— O que é que disseste?

— Tu ouviste-me. — Ela deixa uma nota de 5 dólares sobre a mesa como gorjeta para a Nessie antes de se levantar da cadeira para o lado do passeio. Foi então que reparei no *Fiat* parado em segunda fila com um letreiro de boleia partilhada na janela.

— É para nós?

— Telefonei à Marjorie enquanto estavas a falar com o David — admite a Joy.

— *Como?*

— Achei que seria capaz de te arranjar um ou dois trabalhos, mas é ainda melhor do que eu tinha esperado. Ela está com problemas em encontrar alguém à última hora para esta noite: e este tipo já paga bem mesmo quando não há pressa.

— Mas...

A Joy ergue uma mão.

— Sabes que mais? Nem sequer quero ouvir. Há dias que me andas a dizer que estás desesperada para manter a casa. E eu já vi os números, Laine. Deves estar desesperada, porque a menos que conheças regras matemáticas diferentes das minhas, podias fazer os turnos do Blacklist 24 horas, sete dias por semana, durante um mês inteiro, e ainda assim não ganharias o suficiente para pagar o que deves.

Ela dirige-se ao carro, atirando as palavras por cima do ombro.

— Decide-te, está bem?

Dez mil. *Dez mil.*

Dez mil dólares de dívida apagados de uma só vez. Talvez até mais.

Fico de pé ao lado da minha cadeira, a mão a agarrar com força as costas da mesma, enquanto penso naquilo. Esse dinheiro, para além dos 2 mil que já consegui poupar, e do que conseguiria com um *cash-advance* dos meus cartões de crédito, deixar-me-á perto dos 15 mil.

Ficam 16 mil para ganhar em duas semanas.

E embora ainda seja um número assustador, são menos 10 mil do que sem este trabalho.

Penso na minha casa e nos fins de semana que passei a envernizar o chão de madeira e os armários da cozinha. Penso na banheira de pés que procurei durante semanas. E nos canos que espero que não voltem a rebentar durante a minha vida, tendo em conta o dinheiro e o tempo que gastei a arranjá-los.

Penso na minha mãe e nas horas que ela passou a tratar do pátio das traseiras. Na maneira como riu no dia em que pintámos as portadas.

Penso em tudo o que perdi ao longo dos últimos anos e sei que seria impossível sobreviver também à perda da casa.

E é então que percebo que tenho de fazer isto.

Apenas sexo.

Uma vez mais as palavras da Joy enchem a minha cabeça. E uma vez mais sei que está errada. Muitíssimo errada.

Sexo é uma ferramenta, e pode construir ou destruir.

A minha primeira vez foi uma bola de demolição que me partiu num milhão de pedaços.

Mas desta vez...

Desta vez o sexo era uma alavanca.

Desta vez, ia salvar-me.

O SEXO É UMA ARMA. CONSTRÓI, DESTRÓI E VICIA...
MAS ÀS VEZES PODE SER A SALVAÇÃO...
A SALVAÇÃO DE QUE LYLE E SUGAR PRECISAM.

Lyle Tarpin é um ator de Hollywood, com uma carreira de sucesso e uma reputação imaculada. Ninguém desconfia do seu passado turbulento e das mulheres pagas pela sua discricção. Lyle sempre conseguiu manter as duas facetas separadas e escondidas do público... Até agora.

Depois de ter sido fotografado num momento íntimo com Sugar — uma das mulheres que contratou —, a única forma de salvar a carreira é fingir uma relação. E de um momento para o outro, Lyle tem de desempenhar o maior papel da sua vida, com a única mulher que o descontrola.

Falida e com três empregos, Sugar tudo faz para tentar salvar-se das dívidas que tem acumuladas, inclusive passar uma noite com Lyle. Mas o inesperado acontece. Um encontro intenso torna-se numa relação amorosa com um dos homens do momento. E Sugar, não tem escolha: precisa do dinheiro.

Afinal, quão difícil será fingir que namora
com um dos atores mais sensuais de Hollywood?
Quando há química entre ambos, é muito difícil!

CONHEÇA TAMBÉM
O INTENSO ROMANCE
ENTRE WYATT E KELSEY:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8917-17-1



9 789898 917171

Romance Erótico